

O tempo se estendeu como um fio de mel

El tiempo se extiende como una hebra de miel
Time stretched out like a strand of honey

Andrea Eichenberger¹

As fotografias aqui apresentadas fazem parte de um conjunto de imagens realizado durante o primeiro período de confinamento causado pela pandemia de Covid 19, na França, entre março e maio de 2020.

Decretado o confinamento, tive que explicar ao meu filho de dois anos e meio o que acontecia em nossas vidas. Precisava expor as razões que nos levavam a mudar de hábitos tão abruptamente e a abandonar alguns projetos. Tinha que fazê-lo entender os motivos pelos quais ele não podia mais ir à escolinha, nem ver seus amiguinhos, nem frequentar os parques costumeiros. Devia explicar o porquê de nossa viagem iminente ao Brasil ter sido cancelada, frustrada, pois ele esperava impaciente para ver seu vovô e, junto dele, realizar seus dois grandes projetos: abandonar as fraldas e a chupeta. Enfim, eu precisava simplesmente lhe explicar porque ele não podia mais sair às ruas como antes e porque devia evitar as pessoas, que passavam a usar luvas e máscaras.

Como relatar algo tão importante a uma criança tão pequena? Foi com a fotografia e com um pouco de fantasia, inspirando-me na literatura infantil e nos mitos indígenas, que tentei dar a ele algumas pistas para uma possível compreensão. De uma fotografia feita ao acaso, enquanto ele andava de bicicleta com seu capacete de cosmonauta, surgiu um personagem: Gohu, um pequeno extraterrestre que sonhava em conhecer a Terra. No dia em que conseguiu pôr os pés no planeta proibido, que tanto medo causava aos seus, tudo parecia ter sido abandonado repentinamente.

A história foi sendo construída pouco a pouco, ao longo desse tempo que se estendeu como um fio de mel. As fotografias foram feitas em casa e durante as únicas e breves saídas diárias autorizadas, de uma hora, dentro de um raio de um quilômetro em torno de nossa casa, no 11^o *arrondissement* de Paris, em particular em um pequeno beco sem saída pouco frequentado, calmo e repleto de plantas, onde muitas manhãs brincamos de amarelinha e fizemos bolinhas de sabão.

O conjunto assumiu rapidamente a forma de um projeto de livro de fotografia para crianças. Eu fotografava e testava pequenas sequências com meu filho, que deu o tom da história. Quando ele se mantinha atento e interessado, eu conservava uma sequência. Caso contrário, dava à história outra direção.

O resultado é um ensaio aberto, sem palavras. As fotografias foram encadeadas de modo a contar uma história que pode ser adaptada por cada leitor/a à sua própria experiência e à da criança para quem conta, promovendo discussões sobre esse tempo tão particular de nossas vidas.

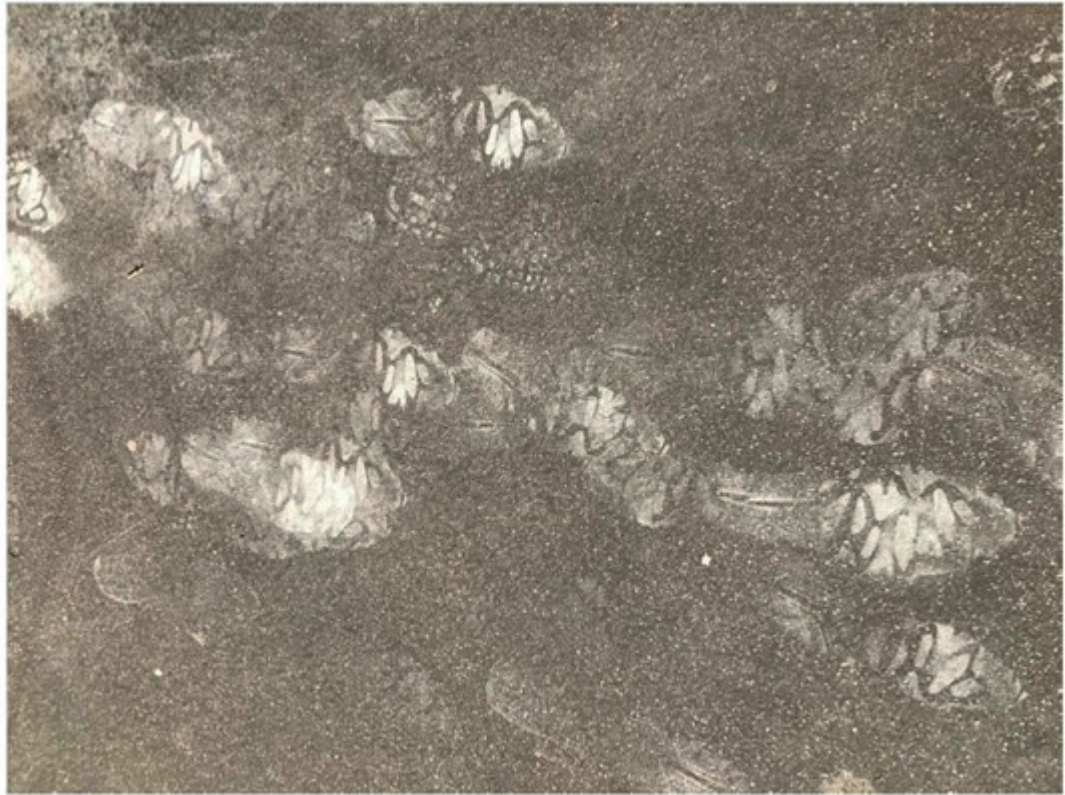
Posteriormente, um trabalho sobre a maquete do livro foi realizado no contexto de uma

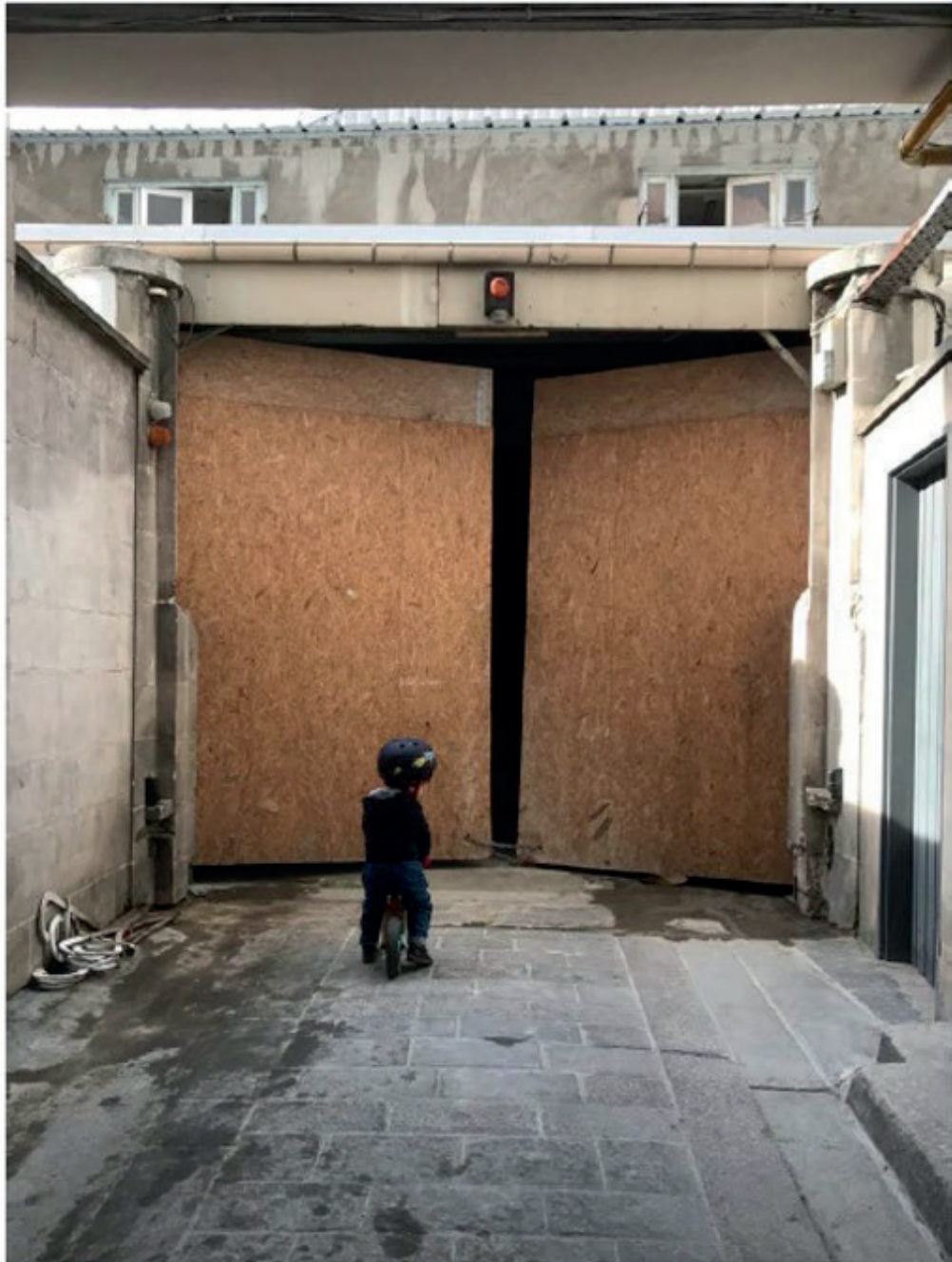
¹ Artistas e antropóloga. Doutora em Antropologia Visual pela Unisersité Paris Diderot - Paris VII - Sorbonne Paris Cité, em cotutela internacional de tese como a UFSC (2011).

residência artística na *Maison de Petits*, espaço dedicado às crianças de zero a seis anos no *Cen-t quatre-Paris*. Foi realizada uma pequena exposição das fotografias, à altura das crianças, e dois exemplares da maquete do livro foram colocados a disposição dos/as visitantes. Tinha como objetivo compartilhar o projeto com outras crianças e adultos, deixando-as/os apropriar-se dele, interpretar-lo, adotá-lo ou recusá-lo, e observar como (e se) a fotografia e a literatura poderiam ser um meio de desencadear conversas sobre as experiências relacionadas à pandemia e os nossos novos modos de estar no mundo. Alguns adultos contribuíram contando as histórias que a sequência de imagens lhes inspirava, as quais foram gravadas e, em seguida, transcritas e incluídas no final do projeto de livro.





















Recebido em: 31/10/2021
Aceito em: 31/01/2022